

ANTROPOLOGIA E PRÁTICA DE CAMPO: UM BREVE EXERCÍCIO EM UM ESTABELECIMENTO DE ARTIGOS AFRO-RELIGIOSOS EM PELOTAS/RS

PATRÍCIA CRISTINA PEROTE DO NASCIMENTO¹; RAFAEL DA SILVA NOLETO²

¹Universidade Federal de Pelotas – patriciaperote@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rafael.noleto@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa fez parte de uma atividade da disciplina Tópicos Especial 1 em Antropologia (D000917), lecionada pelo prof. Dr. Rafael da Silva Noleto no semestre 2025/1, para o Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), do qual sou aluna de mestrado e bolsista (CAPES). O objetivo da disciplina foi possibilitar aos alunos do PPGAnt experiências e vivências de trabalho de campo e o objetivo desta atividade em específico foi realizar uma visita e entrevista em grupo em um estabelecimento comercial de artigos afro-religiosos da cidade de Pelotas/RS e fazer fotografias da experiência de modo a produzir narrativas etnográficas com imagens.

A partir desse exercício, foi desenvolvido o presente trabalho, vinculado ao projeto unificado com ênfase em pesquisa *Antropologias possíveis no Sul do Brasil e América Latina: rituais, performances e saberes musicais em circulação* (Cód. 7986), coordenado pelo professor Rafael Noleto. Trago aqui o relato etnográfico da minha experiência individual da atividade de campo, aperfeiçoado na orientação com o professor Rafael Noleto, através desse projeto de pesquisa. Nesse sentido, busco levantar eventuais questões sócio-antropológicas encontradas na experiência de campo, e, ainda, identificar as facilidades e dificuldades sentidas neste tipo de abordagem de pesquisa antropológica, assim como refletir sobre possíveis soluções para o aprimoramento de minhas condutas tendo em vista um melhor aproveitamento do trabalho de campo em minha dissertação e futuras pesquisas. Ademais, como resultado fotográfico para o presente trabalho, trago uma fotomontagem realizada a partir das fotografias individuais que fiz durante o trabalho de campo.

2. METODOLOGIA

A atividade da prática de campo realizada na disciplina consistiu em realizar uma visita em grupo e entrevista com perguntas pré-definidas (em coletivo com a turma) a um estabelecimento comercial de artigos afro-religiosos de livre escolha da cidade de Pelotas/RS, bem como produção de imagens fotográficas da experiência. Ao final da disciplina, foram desenvolvidos relatos etnográficos individuais de cada integrante dos grupos incluindo suas fotografias. No presente trabalho apresento o meu relato individual orientado e uma fotomontagem elaborada com base nas minhas fotografias.

Meu grupo para a atividade prática foi composto por mim e mais quatro colegas. Não pré-agendamos a visita. Optamos pelo método de caminhar pelo centro comercial e observar os estabelecimentos em nossos caminhos, adentrando alguns e iniciando uma conversa espontânea com os lojistas. Essa abordagem metodológica se enquadra no exercício antropológico das caminhadas de caráter atencional, o qual nos possibilitou percorrer o espaço físico do centro comercial de Pelotas, estando abertos para os eventuais encontros etnográficos que se fizessem possíveis (NOLETO; NEGRÃO, 2025, p.

8). Optamos por não fazer uma entrevista tradicional com a lista de perguntas. Concluímos que essa abordagem deixaria o relato muito rígido, e talvez intimidasse o interlocutor, impedindo a naturalidade de desenvoltura que desejamos para uma produção de dados mais autêntica. Portanto, apenas lemos as perguntas anteriormente, para ter uma ideia delas em mente e podermos guiar a conversa. Após a experiência no primeiro estabelecimento ter sido infrutífera, passamos a considerar a possibilidade de alguns lojistas reagirem negativamente à nossa visita, ou não terem possibilidade de nos atender. Assim, abrimos a possibilidade de visitar mais de uma casa, e para tanto, nos dividimos em grupos menores.

Durante a visita ao segundo estabelecimento, a qual dou destaque neste trabalho, fiz algumas fotografias para apresentar juntamente com o relato. Entretanto, senti a necessidade de expressar de forma diferenciada a vivência que tive, elaborando um produto visual fotográfico menos convencional. Inicialmente fiz experimentos relativos à forma de organização das imagens em painéis, e assim pude refletir sobre a maneira de exposição das imagens. Na sequência, elaborei uma fotomontagem que reúne em uma única imagem várias fotografias. Lévi-Strauss, *apud* Samain (2011, p. 30), defendia dois modos de percepção sobre o mundo: um mais próximo da imaginação e do sensível e outro mais afastado. A arte seria a intersecção dessas duas dimensões constitutivas do pensamento humano, quais sejam, razão e imaginação. Neste trabalho, entendo que essa máxima pode ser aplicada através da produção das fotografias, que poderiam ser apenas um registro objetivo de dados, mas que a partir de sua transformação subjetiva pela montagem, se consubstanciam em um produto que também envolve o processo criativo estruturante de novas reflexões sobre o mundo e assim se tornam produtoras de novos significados. Afinal, as imagens tem um pensamento próprio e sugerem significados decorrentes de suas associações, tal qual uma dialética das imagens (SAMAIN *apud* BRUNO, 2012, p. 97). Todas as fotografias foram feitas com um dispositivo celular *Apple iPhone 12 mini*. A fotomontagem foi feita através do aplicativo *Fotos do iPhone* e do software *Canva*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após nos dividirmos em grupos menores, eu e mais um colega de equipe entramos no segundo estabelecimento, experiência a qual escolhi relatar com destaque neste trabalho. Fomos recebidos por uma mulher de meia idade/idosa, branca, que se apresentou a mim como S. (Os nomes dos interlocutores foram abreviados neste relato com as iniciais do nome). S. nos explicou que o dono da loja era seu filho, que se encontrava arrumando o estoque. S. explicou sobre o termo “flora”, que é uma loja que vende artigos de variadas religiões, não apenas Umbanda, incluindo até mesmo o Catolicismo. Reconheci entre muitas imagens de entidades na loja uma estátua de uma virgem Maria católica sobre o balcão, corroborando a fala da vendedora. S. ressaltou que o estabelecimento se trata de uma loja comum, “como qualquer outra loja, que paga imposto para a receita federal igual qualquer estabelecimento” e explicitou que aquela era uma religião “normal como todas as outras” (imagino que ela se referisse a religiões de matriz africana como Umbanda e Candomblé). Perguntamos se ela era uma praticante da religião. Ela fez um gesto de “não” discreto com o dedo indicador, em seguida afirmou em voz mais baixa que acreditava em “Deus”, “apenas Deus”. E que seu filho era praticante da religião, frisando que ele era da linha branca. No entanto,

ela afirmou que não tinha problema nenhum em relação à religião dele, inclusive ela até frequenta o terreiro, toma passes, etc. S. informou que a loja existe há quinze anos, que é uma empresa familiar e eles não tem funcionários. Tudo começou quando seu filho teve o desejo de abrir uma loja de artigos religiosos e começou a estudar esse mercado. Perguntei se eles já eram praticantes da religião nessa época e ela se apressou em dizer que não, mas mencionou despretensiosamente que frequentava às vezes o espiritismo. Percebi que não ficou claro a que tipo de espiritismo ela estava se referindo, e no momento, não tive a iniciativa de perguntar. Perguntamos como eram os clientes que frequentavam o estabelecimento. S. respondeu que eram todo tipo de pessoa, de todas as idades, raças e classes sociais e de várias religiões, até mesmo católicos que às vezes vinham comprar velas, por exemplo. Relatou que algumas pessoas vinham para pedir orientação do que fazer para obter algum resultado em alguma questão, e eles orientavam o que podiam, oferecendo os produtos recomendados para o caso, outras pessoas já vinham certas dos produtos que queriam, pois traziam uma lista de itens a pedido de seu terreiro. Continuando a fala, ela assegurou que eles não tinham nenhuma associação com nenhum terreiro específico. Questionamos se ela já teria sofrido algum tipo de discriminação por causa da loja. Ela citou o caso de crianças pequenas que passam em frente a loja de indumentárias religiosas do outro lado da rua (também de sua propriedade) e são atraídas pelas roupas da vitrine, mas são repreendidas pelos pais para que se afastem. Lembrou também do caso de entregadores que, ao virem buscar as encomendas, não entram na loja, permanecendo do lado de fora até que o produto seja levado até eles. Aproveitei o ensejo para inquirir que tipo de entregadores seriam estes. A interlocutora explicou que eles vendem produtos por encomenda, e o serviço de entrega é terceirizado. Já estávamos conversando há alguns minutos e S. revelou que tinha mercadorias para organizar. Ela reafirmou que poderíamos ficar à vontade e fotografar o que quiséssemos. Agradecemos e nos despedimos.

4. CONCLUSÕES

Na Antropologia, a partir de uma experiência etnográfica ou de pesquisa de campo, é fundamental refletirmos sobre outras questões implícitas relacionadas direta ou indiretamente ao contexto vivenciado e aos diálogos travados, tomando como base a dimensão microssociológica para alcançar uma dimensão macrossociológica (NOLETO; NEGRÃO, 2025, p. 30). Importante esclarecer que este é apenas um exercício visando o aprendizado da prática de campo na formação do futuro antropólogo, tendo como base uma breve experiência e tem o intuito apenas de tecer questionamentos iniciais e não apresentar respostas definitivas. Portanto, partindo do presente relato, é possível levantar reflexões sobre o porquê da maneira como a interlocutora, que assumiu frequentar e praticar atos de uma religião de matriz africana, se auto-identifica como crente em um único “deus”; qual o motivo de sua aparente preocupação em ressaltar que seu filho faz parte da vertente branca da religião, e que pessoas de várias religiões frequentam a loja. Ainda, pudemos tomar conhecimento sobre algumas formas de preconceito sofrido pelos lojistas associados a estas vertentes religiosas. Ademais, nos chamou atenção a iniciativa da interlocutora de nos afirmar mais de uma vez que as religiões de matriz africana são religiões “comuns”, “como qualquer outra”, atitude a qual suponho ser uma tentativa de amenizar eventuais preconceitos que pudesse existir de nossa parte.

Em relação a minha experiência pessoal como pós-graduanda de Antropologia na realização de um exercício de campo, posso dizer que, entre as coisas que aprendi, está a importância de ter uma lista de perguntas para me guiar, mesmo que a intenção não seja uma entrevista. Também preciso estar atenta para registrar em gravação a conversa, ou corro risco de esquecer informações importantes. Enquanto escrevia este relato percebi que havia outras questões que eu poderia ter perguntado, mas não tive a iniciativa no momento ou os questionamentos não surgiram em minha mente na hora da conversa. No entanto, sinto que a cada exercício realizado aprimoro mais minhas capacidades de execução de trabalho de campo, melhoro minha desenvoltura no diálogo com interlocutores e aperfeiçoo meu raciocínio para melhor conduzir as conversas, produzindo dados mais interessantes para a pesquisa. Em relação ao resultado fotográfico, apresento abaixo a fotomontagem elaborada por mim:



Imagen 1: Fotomontagem a partir de fotografias tiradas no estabelecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNO, Fabiana. Uma antropologia das supervivências: as fotobiografias. In: SAMAIN, Etienne (org.). **Como pensam as imagens**. Campinas, Editora da UNICAMP, 2012. p. 91-106.

ETIENNE, Samain. As "Mnemosyne(s)" de Aby Warburg: Entre Antropologia, Imagens e Arte. In: **Revista Poiésis**, n. 17, p. 29-51, Jul. de 2011. p. 29-51. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/27032/15733>.

NOLETO, Rafael da Silva; NEGRÃO, Marcus Vinícius Nascimento. Encruzilhadas do Mercosul: Transnacionalização religiosa na festa de Iemanjá em Montevidéu (UY). **Religião & Sociedade**. Rio de Janeiro, 45(1): e450102, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-04382025e450102>.